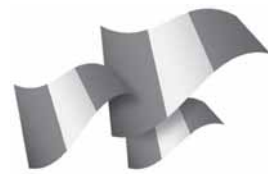




Meu triciclo vai à guerra

Na Itália em plena IIª Guerra, as recordações de infância de Claudio Beccaccia



1861 > 2011 >>
150° anniversario Unità d'Italia

Muitos anos já se passaram, mas vou tentar reviver as sensações da minha infância num mundo em guerra, para mim cheio de aventura e para os adultos, de pesadelo. Eu não tinha medo, na minha inconsciência tudo era brincadeira, somente mais tarde, ao contato direto com a violência, percebi a tragédia.

Contagiados pela retórica nacionalista e guerreira, todos queríamos ser Heróis, nos era fácil o entusiasmo, depois das vitórias na Etiópia, Espanha, Albânia. Os *Balillas* cantávamos “*Duce, Duce chi non saprà morir?*” enquanto brincávamos com as figurinhas dos Ascaris, dos aviões de asa dupla, dos bersaglieri, do Negus, como era chamado o rei etíope.

A semelhança das grandes nações do passado, não tínhamos conquistado um Império vencendo gloriosamente os abissínios pitorescamente armados com escudos de couro e mosquetões?

Nesta Itália pobre, parcimoniosa, orgulhosa da resistência ao bloqueio econômico do mundo, plantávamos até nas praças públicas uma colheita de nove milhões de toneladas de trigo. E foi assim que o povo deu ouro à Pátria em luta e apareceu um anel de aço no dedo da mamãe.

Nós *Balillas* catamos ferro velho para fazer encouraçados e tanques e deste modo também meu velho triciclo de lata foi à guerra. Os meninos ingleses, sem ser *Balillas*, faziam o mesmo do outro lado.

10 de junho de 1940 - Mussolini declara guerra. Na tarde quente de minhas férias em Turim, ouço o rádio, pulo do balanço aos gritos, no jardim de meu avô, a multidão rugiu de entusiasmo, “*VINCEREMO!*”: todos fascistas. As faces consternadas das mulheres, lá em casa, lágrimas.

À noite, na cidade obscurecida, na avenida em frente de casa, o rodar sinistro, passam caminhões, tropas, tanques, canhões que vão para a fronteira com a França.

Primeiro raid da aviação francesa sobre Turim. Chovem fragmentos das granadas anti-aéreas sobre os telhados. Corremos para o abrigo. A guerra de verdade. O povo silencioso vai ver a primeira casa bombardeada na rua Priocca. Cinco mortos. Mais tarde contaremos centenas quase com indiferença.

De volta a Gênova, onde Papai chefia uma seção de projetos nos Estaleiros Ansaldo. Alegria: não é convocado por ser indispensável ao esforço bélico.

Racionamento, filas. 150 gramas de pão preto e duro por dia, 1 decilitro de leite e meio ovo por cabeça, a carne já está faltando. Cupões para a roupa, tantos para uma camisa, um par de meias, um sa-

pato. A escolha é difícil.

Na praia, quase na frente de casa, instalamos plataformas para teste de canhões. As explosões vão quebrando nossas vidraças.

Papai assiste ao regresso de nosso destróier “Calatafimi” com as bandeiras desfraldadas e a tripulação toda no convés exultando pela vitória, após o combate com dois cruzadores e dois destróieres franceses que tinham canhoneado a costa de Gênova.

As coisas pioram, inventam aparelhinhos que devolvem o corte às laminas de barbear que estão em falta, criam-se galinhas nos balcões dos apartamentos, galinhas que senhoras mui distintas levam às praças públicas para pastar, prudentemente seguras por longos barbantes amarrados à pata. Falta comida em Gênova, comemos mingau de alpiste, bolinhos de alpiste, mamãe improvisa milagres culinários, consegue minúsculos pedaços de manteiga batendo numa garrafa o meio litro diário de leite aguado. Papai cria um solitário coelho que na hora fatídica não vai conseguir assassinar.

Lançamento ao mar do encouraçado “Littorio”, 35.000 toneladas. Debaxo da proa gigantesca, nós *Balillas* agitamos bandeirinhas. Filmes como “Luciano Serra piloto” e “Assédio do Alcazar de Toledo” nos tinham preparado para grandes vitórias. Mas os alfinetes e as bandeirinhas coloridas que colocamos com esperança no mapa começam a nos decepcionar com incredulidade.

Tio Germinal cai prisioneiro dos ingleses na Etiópia. Só voltará em 1947. Adeus “Facetta Nera”. Lembro dos pêlos de Rinoceronte (?) que me tinha trazido em 1935.

De *Balilla* passo a *Balilla* mosqueteiro, ganho o direito de usar cartucheira, ótima para guardar meus trecos e a obrigação de participar de marchas e exercícios com mosquetes sem ferrolho.

Nossos invencíveis aliados nos levem de carona até o Egito. Nas manifestações cantamos “*Camerata Richard benvenuto*”, canção de propaganda que se tornou popular e que enaltecia a aliança entre italianos e alemães. Grandes esperanças. Falta sal. O povo acaba com os pinheirais das montanhas de Gênova para ferver a água do mar e para cozinhar.

Com papai trazemos garrafões de água da praia, o sol evaporará a água colocada em vasilhas rasas. Nas montanhas só ficaram os piores tocos, os mais afastados. Ajudo papai que diariamente após o trabalho cava para extrair um diabólico toco, que cuidadosamente aterramos para continuar no dia seguinte. Nos levam o toco quando falta pouco.

Os bombardeios aéreos se intensificam. Descemos repetidamente ao abrigo antiaéreo. Observo como as pessoas se revelam. Aparecem o medo, a reza, o estupor, a indiferença, a fanfarronada com violão. As crianças brincam no seu mundo de fantasias.

Papai, apolítico por vocação, é preso por carregar folheto com piadas antifascistas achado no escritório. Quarenta dias de cadeia. Na saída, resgatado pelas lágrimas da mamãe junto ao delegado, a obrigação de se filiar ao Partido Nacional Fascista e de se apertar dentro do uniforme de praxe.

Com a minha avó catamos papel para fazer bolinhas depois de macerado na água. Serve como combustível. Vamos para Saluzzo, Piemonte, onde tem possibilidade de mais segurança e melhor alimentação.

Papai fica em Gênova, preso ao escritório. A nova casa alugada tem um grande terreiro e boas acomodações. Novos colegas, nenhum *Balilla*.

Tem legumes e verduras, ovos a preços inflacionados. Todo dia pedalo 7 Km ida e volta para buscar um litro de leite numa granja.

Contorno um aeroporto militar, carcaças de aeronaves queimadas, aviões alemães camuflados. Um enorme aparelho com seis motores me sobrevoa em baixa altura, irrealisticamente vagaroso. Na porta lateral aberta, militares respondem ao meu aceno.

Com meu tio catamos cogumelos nos bosques das montanhas próximas.

As roupas estão acabando. Mamãe costura um vistoso remendo na traseira das minhas calças e consola minha rebelião apelando à elegância dos cavalheiros ingleses em trajes de montaria. Os fumantes sofrem sem tabaco e apelam para a botânica. Experimentam desde a barba do milho até as folhas secas de árvores e arbustos em fantasiosas misturas.

Povo e escolares vamos à estação nos despedir do trem que carrega para a Rússia a Divisão Centauro. Emoção, ganho um emblema de um soldado.

Falece meu avô materno refugiado num Hotel em Cocconato. Com mamãe vamos ao enterro, um taxi escangalhado munido de um gigantesco gasógeno nos leva numa viagem assombrosa através das estradas do Piemonte devastado pelos bombardeios.

3º B. Onde estarão hoje meus colegas? O anêmico longilíneo conde Amedeo Lombardi, Vassalo, o exímio desenhista, o inesquecível Bollati, que nos convidava para incríveis merendas de vinho e salame em seu sítio. Companheiros de longas horas nos abrigos antiaéreos escolares, horas que permitiam a fuga das precárias aulas e tímidas aproximações com as inacessíveis classes femininas.

Domingo, voltamos da Igreja. Encontramos nossa casa requisitada por uma companhia de *alpinjaäger* austríacos. O tenente Wolf está tomando banho, a tropa acampa no palheiro.

Vêm revezados de Monte Cassino. Educadamente nos deixam um quarto, para mamãe, a nonna, minha irmã, eu e o papai, quando nos visitar. A convivência não é difícil, são extremamente disciplina-

dos. Ficarão um mês e meio. Comem mal estes rapazes, grossas fatias de pão preto e quadrado com um dedo de banana.

Um dia aparecem com um montão de frangos arranjados Deus sabe como. Pedem, e a nona enternecida pela fome dessa mocidade, consente em cozinhar, mas não tem lenha nem panelona. Aparece uma assustadora panela quadrada de cozinha de campanha, de uma sujeira secular, mas que por decreto da nonna e entusiasmo dos interessados chega rapidamente a esplendores jamais alcançados. A lenha que trazem é o símbolo da perfeição teutônica. Todos pedaços iguais, redondos. Pudera, são os escombros da escada de oito metros do palheiro do vizinho.

Páscoa. O tenente de forma inesperada aparece em nossa reunião familiar com uma pequena bandeja de doces e à noite, após o toque de recolher, acompanha meus tios e primas até em casa. Os soldados são silenciosos e organizados. Parecem descansar enquanto limpam as armas calmamente. O divertimento é quem consegue disparar menos tiros com a metralhadora rápida que chamam de SCHATZ.

Noite. A família em volta da mesa. Eu brincando com massa plástica, fiz o Gordo e o Magro. Um soldadinho corado e risinho entra à procura de um pouco de lar. Está algo bêbado. Ri ao ver o Gordo e o Magro na mesa. Exclama: “*Mussolini!*” e um soco esmaga o Gordo. “*Hitler!*” e lá se foi o Magro. Terror geral. Duro como uma estaca, Fritz vai embora. De manhã, preocupadíssimo me rodeia na cozinha. Teme conseqüências.

A gasolina deles é pouca. O tenente pede emprestada a bicicleta ao 22 para ir ao Comando. Lá vai a Wehrmacht pedalando desengonçada. Mas volta logo, praguejando. O selim soltou, virou para trás. Sabotagem involuntária. Pobre tenente, meses após, a moto sídecar onde viaja explode num ataque dos *partigiani*.

Vão embora. No palheiro abandonado brincamos de pular no feno, bato as costas numa granada de mão. Uma “*ballerina*”. “Mamãe, olha o que achei.” Susto. Mamãe telefona para os *carabinieri* que vasculham tudo. O rádio toca todo dia “Lili Marlene”. Agourento presságio de fatalidades.

Papai aparece nos fim de semana vindo de Gênova. Cada viagem uma epopéia. Trem, ponte destruída, a pé, caminhonete, outra ponte, trem de novo. Sete, oito horas para percorrer 100 Km, e ficar conosco uma noite.

25 de julho de 1943. Cai Mussolini. Os italianos descobrem que nunca foram fascistas, destroem símbolos e aplaudem o que imaginam ser o fim da guerra e das dificuldades.

8 de Setembro. Armistício. Caos. Nosso Exército desmorona. As disposições do governo são ambíguas. Todos querem ir para



casa. Soldados desgarrados aparecem na porta mendigando roupas civis. Num quartel da cidade morre um coronel metralhando os alemães que queriam a sua rendição. Uns soldados capturados são enviados para a Alemanha.

Em Gênova, perquisições nos estaleiros Ansaldo. Papai é colocado num trem de carga que vai para a Alemanha com todo o pessoal do escritório que chefia. Consegue fugir através de um buraco no teto e se jogar do trem em marcha. Dos que vacilaram, poucos voltarão de Mathausen.

Toda arma tem que ser recolhida. Mamãe entrega o revólver e o lendário rifle Remington do nonno Claudio, reminiscências das aventuras sul-americanas.

O primo Giovanni, dezoito anos, é convocado e irá para a Rússia com a Wehrmacht. Voltará a pé da Áustria em 1945, se revezando com quatro camaradas puxando um carrinho de duas rodas onde um descansa, por turno, enquanto os outros vão empurrando.

Aviões de caça isolados atacam repetidamente. Com minha prima Gladys carregamos entre os dois uma sacola de peras numa estradinha no campo. Surge um caça em vôo rasante e nos encontramos na linha de fogo que visa a estação da ferrovia. Pulamos no riacho que beira a estrada. Gladys fica irritadíssima comigo porque a joguei na água, de propósito.

Continuamos os bombardeios aéreos. Contamos os quadrimotores que a grande altura brilham como centelhas prateadas, 100, 200, uma vez chegamos a contar 700, lembro o medonho ronco oscilante AAA-UUU AAA-UUU. A 60 Km de distância nos chega o abalo dos impactos em Turim. Cinco bombas acorrentadas no jardim de nossa casa.

O exército alemão está em toda parte. Os

jovens fogem para as montanhas. Nassem os “*partigiani*”, poucos por convicção política, a maioria para eludir perquisições e recrutamento.

Inverno de 1943, frio terrível. À noite os estalos das árvores que racham ao congelar da seiva, a água não corre pelos canos obstruídos. Cada aluno traz um pedaço de lenha para aquecer a sala de aula. Alguém acha graça em colocar um cartucho de fuzil numa tora que quase explode a estufa de ferro. O criminoso não aparece, a classe inteira leva suspensão.

Com o advento da República Social Italiana do novo governo de Mussolini, os italianos se dividem. Os *partigiani* atacam e somem.

Começam as represálias da Wehrmacht e dos “*republichini*”, enquanto não se apresentarem os responsáveis. Perquisições e saques em Val Varaita, em Val Maira, no revide sofre a população, lado perverso da guerrilha. A vida de um alemão vale dez vidas de inocentes. São mantidos reféns, revezados toda semana. Entre eles o tio Giovanni, professor e socialista histórico, herói da 1ª Guerra, presidente da Associação de Veteranos. Perdeu a mão direita ao lançar uma granada.

Para aliviar a trágica vigília dos reféns, os familiares levam provisões para os morituros. O vinho, as comidas e a mesa são partilhados com a guarda alemã. Já nas névoas do álcool, o sargento ao lado do tio se ergue repetidamente, cada vez com sonoros “*Heil Hitler!*”, o que acaba irritando o tio, que empurra para a cadeira o sargento, berrando em italiano “*sta lì*” [fica aí]. O sargento entendendo Stalin, saca a Luger, descarrega a arma para o teto, ao ser prontamente seguro pelo pulso pelos vizinhos de mesa.

Não tem mais cinema, o rádio alterna músicas com comunicados em que ninguém mais acredita. Os sitiantes ficam ricos com o mercado negro. Proibidas as aglomerações de mais de três pessoas na rua. Na saída do colégio, uma multidão silenciosa na Praça do Mercado. Um enforcado balança das vigas.

Madrugada. Nosso portão é escancarado com estrondo. Motocicletas, carros, caminhões. Os alemães de novo, desta vez não tão aliados. Vão instalar o Comando da área. Um caminhão à nossa disposição, temos que mudar de imediato.

Querem ficar com a grande mesa de mármore do avô, superstite de um passado opulento. Mamãe briga e vitoriosa leva a mesa para o novo lar arranjado na hora. Primeira tarefa no novo lar: tirar palha e estreme do piso. Uma água requisitada pelo Exército nos cede o estábulo vazio, chorada pelo novo senhorio, o velho agricultor Panero.

Gosto da fazendinha. Troco com

Pino, coetâneo camponês, meu carrinho alemão de três marchas por um casal de cobaias que freneticamente se entregarão à reprodução e me obrigarão à ceifa e transporte de toneladas de capim. Decepção. Ninguém consegue comer estes bichinhos simpáticos que finados parecem ratos.

Agora ao lado da Estação da ferrovia, quase diariamente temos a visita do Pippo, caça americano que se assanha metralhando a pobre Littorina esquecida no desvio. No prado ao lado, duas metralhadoras alemãs matracam de revide. Olhando por cima do último degrau da escada do abrigo, curto o espetáculo todo. Depois vou catar os cartuchos vazios e dourados caídos do avião. Os alemães recolhem cuidadosamente os deles.

As coisas se complicam. A sirene manual da bateria antiaérea nos leva para o abrigo na adega várias vezes por dia. Os Aliados estão chegando. No colégio nos liberam. Corro para casa. Vazia, ninguém à vista. Procuro a família pela estrada ao lado da fazendinha. Ataque aéreo. Caminhões na estrada. Alemães em retirada enchem os fossos. Berram para que eu pare de correr. Voltamos para casa.

Os *partigiani* ocupam a cidade num festival de lenços coloridos das diversas tendências. Numerosíssimos. Todos *partigiani*. Caçam os civis fascistas. Vinganças. Mortes.

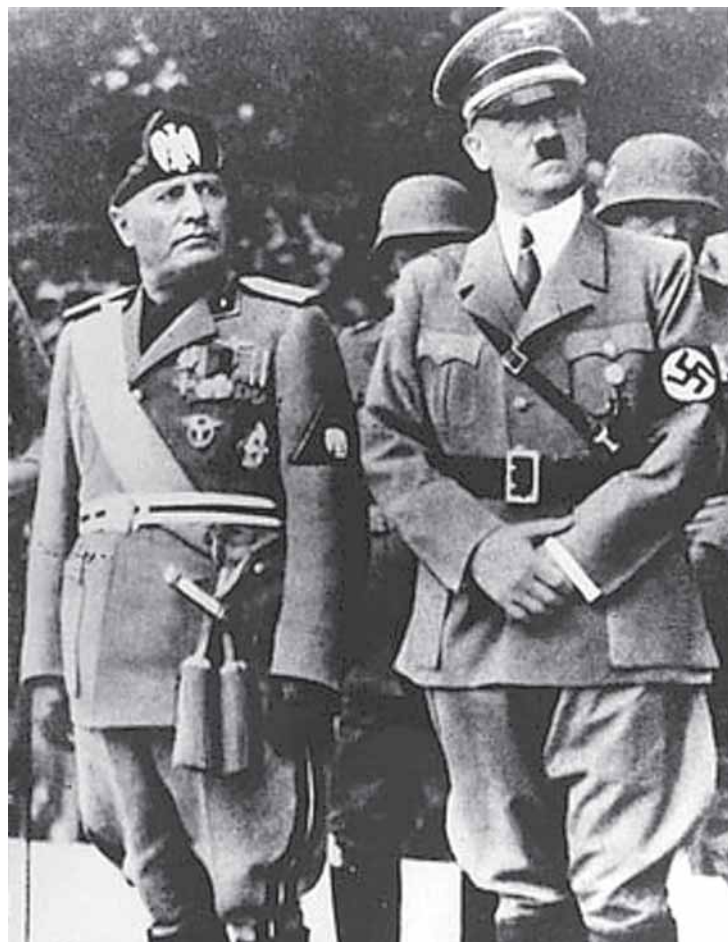
Os Alemães se rendem na Itália. Para nós a guerra termina. Viva os Aliados. Viva os Americanos, grandes mocinhos; assépticos bem alimentados. Menos vivas para ingleses e franceses, vencedores duros e quase tão escangalhados como nós.

Aparecem as AM-Liras, moeda de ocupação com que pagamos as despesas dos Aliados. Vamos para Turim, para a nossa casa que é uma ruína, o jardim uma sucessão de crateras, refugiados a têm invadido. Nada resta de portas e janelas, os móveis pulverizados pelas explosões. Olhamos perplexos. Mas mamãe de improviso lembra das doze garrafas de vinho que meu avô chumbou num vão da adega quando eu nasci.

Para serem bebidas na ocasião da minha partida para o serviço militar. Ainda estão lá, à nossa espera, numa silenciosa saudação.

Atrás da casa, milagrosamente, se erguem as magnólias. E assim, junto com a guerra, terminou minha infância.

Gosto da fazendinha. Troco com



“O Gordo e o Magro”